

F. Adolfo Coelho (1847-1919): o primeiro 'linguista' português

ANTÓNIO CARVALHO DA SILVA
(Universidade da Madeira)

1. Porque uma das áreas do XII Encontro Nacional da APL é a *História da Linguística em Portugal*, decidimos evocar F. Adolfo Coelho, cuja obra tem sido, desde Outubro de 1993, objecto das nossas investigações na Universidade da Madeira¹. Entretanto, também não podemos deixar de fazer uma breve referência a J. de Azevedo Ferreira², Professor de História da Língua Portuguesa na Universidade do Minho.

É evidente que, ao apresentar as razões que nos permitem considerar F. Adolfo Coelho o primeiro 'linguista' entre os portugueses, estaremos a homenagear igualmente a memória de Azevedo Ferreira que foi, segundo o último *Boletim Informativo* da APL: «membro da APL desde a fundação, cientista unanimemente estimado e instalador dos estudos linguísticos na Universidade do Minho» (APL, 1996, 6).

Para mostrarmos que Azevedo Ferreira fazia e vivia as suas actividades de investigador e de docente com uma grande paixão, passaremos a transcrever, de seguida, a conclusão de um texto intitulado «O papel da História da Língua na aula de Português», apresentado no *Encontro sobre o Ensino do Português* (Universidade do Minho, Outubro de 1987). Este excerto servirá também para justificar uma das finalidades deste texto: pretendemos, sobretudo, comunicar o gosto que temos em estudar as ideias do primeiro linguista português - F. Adolfo Coelho.

Esta é, voltamos a sublinhar, uma homenagem pública ao notável Professor de História da Língua Portuguesa. Observamos apenas que seria bom, para honrarmos melhor a sua memória, que todos fôssemos o Professor que ele assim caracteriza: «Mas como transmitir estes conhecimentos [de História da Língua]? Como inculcar esse gosto e respeito pela língua materna? / Em primeiro lugar, é necessário que o professor sinta e manifeste esse mesmo gosto e respeito, (...) /

Em segundo lugar, tem de motivar os alunos (...). *Não basta ao professor transmitir conhecimentos, ciência, saber; (...). É preciso que ele realize a sua tarefa com prazer e seja capaz de comunicar esse prazer e esse gosto aos alunos de modo a contagiá-los do seu próprio entusiasmo. O prazer de ensinar tem de estar sempre presente e tem de ser ampla e continuamente manifesto: (...). Isto é, para o bom êxito da sua missão, o professor precisa de aliar à ciência uma verdadeira e autêntica pedagogia. (...). / Estou convencido que, se assim procedermos todos com este entusiasmo, esta convicção, esta dedicação, este amor à língua materna, seremos capazes de mobilizar o interesse dos nossos alunos, prestigiando a nossa língua e evitando os maus tratos a que ela tantas vezes tem estado sujeita. A verdadeira dignificação da língua portuguesa depende de todos nós, do uso que dela fazemos e do ensino que ministramos!» (FERREIRA, 1988-1989, 96-97).*

Como se vê, Azevedo Ferreira, nestas palavras, consegue definir com justeza e precisão o que deverá ser (e que ele, de facto, era) um bom Professor de Português.

2. No texto que acabamos de citar, o historiador da língua considera ainda «não ser possível ensinar correcta e responsavelmente a língua materna sem um profundo conhecimento da sua história» (FERREIRA, 1988-1989, 80). Esta é, pois, a ideia fundamental da sua comunicação. De facto, para o autor, ensinar a língua materna não se reduz apenas à sua apresentação sincrónica, mas deve ser também a explicação de alguns dados fundamentais da linguística diacrónica ou histórica dessa língua.

A nosso ver, este mesmo princípio deve seguir-se na investigação linguística: é necessário acreditar que um completo e correcto conhecimento da Linguística Portuguesa não se resume aos conhecimentos da linguística teórica que se faz hoje, em Portugal ou no estrangeiro, mas terá ainda de alargar-se ao conhecimento daquilo que os nossos primeiros gramáticos já fizeram desde o século XVI, altura em que, na opinião de Azevedo Ferreira, se verificou a «consolidação e estruturação da nossa língua». Seguindo este princípio básico, nunca acontecerá que o que já foi feito (mesmo não sendo *perfeito*) não seja lembrado nem estudado. Esta é, temos que reconhecê-lo, a principal razão por que nos dedicamos à investigação da obra linguística de F. Adolfo Coelho.

3. Em 1880, no fascículo inaugural da sua *Revista d'Ethnologia e de Glottologia*³, F. Adolfo Coelho faz uma observação curiosa a propósito do que deverá ser a ciência e, portanto, a investigação científica: «a sciencia não tem que elogiar, nem que condemnar - tem que conhecer e explicar. O homem não deve ser julgado por um typo supposto perfeito, que é apenas o producto da nossa imaginação» (COELHO, 1880, 46).

Ao apresentar esta comunicação que é não só a defesa de uma tese, mas também o elogio de uma *obra grandiosa*⁴ e de um «homem de saber enciclopédico» (SILVA, 1995, 8), estaremos talvez a cair no tal erro que o Mestre tanto critica: 'elogiar', em vez de 'conhecer e explicar'. Todavia, é verdade que, depois de 'conhecer e explicar' a obra de certo autor, poderemos, com razão e claridên-

cia, elogiá-la, tendo sempre em conta que nada numa ciência (nem muito menos os homens que a fazem!) é perfeito ou inacabado.

4. Na altura da celebração do primeiro centenário do nascimento de F. Adolfo Coelho (1947), vários foram os investigadores e as instituições que lhe organizaram homenagens. Para a posteridade ficaram, sobretudo, as publicações dos textos apresentados nessas cerimónias públicas. Assim, a *Biblos* (Coimbra)⁵, o Centro de Estudos Filológicos (Lisboa)⁶, a *Revista da Faculdade de Letras* (Lisboa)⁷, e a *Revista de Portugal* (Lisboa) editaram números especiais dedicados a F. Adolfo Coelho, incluindo os textos proferidos nessas cerimónias em sua homenagem.

Para ilustrar a nossa tese, seleccionámos três textos que foram publicados precisamente na *Revista de Portugal*, destacando-se um do P.^e Arlindo Ribeiro da Cunha, intitulado «Adolfo Coelho - um filólogo superior ao seu tempo»⁸, em que o autor, através do elogio da obra de F. Adolfo Coelho e da caracterização da sua personalidade de investigador, demonstra que ele foi realmente um filólogo inovador e pioneiro.

Depois de se referir à então recente celebração do primeiro centenário «do nascimento do grande linguista, etnólogo e pedagogo português» (CUNHA, 1947, 42), Arlindo R. da Cunha considera que F. Adolfo Coelho: «No campo da glotologia científica, foi o primeiro, no tempo e no valor, entre os Portugueses. Foi [precursor] do novo método científico aplicado às investigações filológicas, e custa a conceber quanto conseguiu no seu tempo, sem os instrumentos de trabalho de que hoje dispomos». Assim explica Arlindo Cunha o título do seu texto: *Adolfo Coelho [foi efectivamente] um filólogo superior ao seu tempo*⁹, porque, mesmo com uma grande falta de meios e tendo por base uma formação de autodidacta, conseguiu, logo aos 21 anos, publicar uma obra - *A Lingua Portuguesa* - que marca, na opinião de vários críticos, o início da linguística científica em Portugal¹⁰.

Entretanto, nesse seu artigo, depois de destacar a pioneirismo linguístico de F. Adolfo Coelho, explica ainda que: «Foi o primeiro em Portugal e um dos primeiros na Europa, e por isso no Mundo, a interessar-se a sério pelo problema dos substratos linguísticos», e que: «Foi também, a bem dizer, o primeiro que se dedicou - e fê-lo com alma e coração - à dialectologia portuguesa». Além disso, «A etnografia nas suas relações com a linguística mereceu-lhe igualmente particular atenção» (CUNHA, 1947, 44). Sendo primeiro em quase tudo o que fez, podemos concluir, com Arlindo Cunha, que F. Adolfo Coelho foi, na realidade, *um filólogo superior ao seu tempo*, pois os trabalhos que desenvolveu nas diversas áreas do saber que a filologia engloba (glotologia, etnologia e etnografia, dialectologia) foram precursores.

Para terminar, referiremos ainda a conclusão deste artigo, já que sintetiza, na perfeição, a vida de F. Adolfo Coelho: «Foi um sábio e um indefesso trabalhador. A única homenagem digna dele, que lhe podemos prestar, é aproveitar-lhe os esforços pela difusão da ciência, lendo e estudando as obras que nos deixou, e podendo ser, tornando conhecidos dos mais novos e acessíveis a todos os dis-

persos que dele ficaram em muitas publicações nacionais e estrangeiras. / Porque lhe não havemos de saldar esta dívida de gratidão?» (CUNHA, 1947, 45). Nós, pela parte que nos toca, melhor ou menos bem, é a esse desafio que andamos precisamente a tentar (cor)responder.

5. I. Xavier Fernandes, por seu lado, num texto intitulado «Adolfo Coelho», onde inclui uma bibliografia das obras fundamentais do autor, utiliza vários epítetos curiosos para caracterizar a vida e a obra de F. Adolfo Coelho: «figura insigne das ciências filológicas», «professor emérito», «polígrafo de vasta bibliografia», «apaixonado de alma e coração pela especialidade [a filologia em geral, mas, em particular, a glotologia ou linguística]» (FERNANDES, 1947, 46).

Além disso, de acordo com o que defendia Arlindo Cunha e com o nosso próprio pensamento, este autor não deixa de considerar F. Adolfo Coelho «o introdutor em Portugal dos estudos comparativos das línguas românicas, método este que veio abrir novos caminhos para o avanço da filologia e da glotologia»¹¹.

6. Finalmente, Jacinto do Prado Coelho, num artigo com o mesmo título do anterior («Adolfo Coelho»), refere-se a uma cerimónia em que «a Faculdade de Letras de Lisboa exaltou a memória dum dos Me[s]tres que mais a honraram desde os velhos tempos do Curso Superior de Letras: Francisco Adolfo Coelho. Nesta sessão comemorativa do primeiro centenário do nascimento do homenageado (1847-1947) - e daí a projecção que teve - não foi apenas a Escola que se mostrou agradecida ao Professor que a serviu, foi também a Nação que exprimiu o seu respeito por um dos homens que mais contribuíram para a dignidade da nossa Cultura e que mais tenazmente se preocuparam com definir e melhorar Portugal» (COELHO, 1948, 41).

Entretanto, J. do Prado Coelho reconhece que «Indiscutivelmente, o iniciador do estudo científico do Português foi ele [F. Adolfo Coelho]» (COELHO, 1948, 42)¹². Finalmente, resumindo o seu percurso biográfico, o autor acrescenta: «Paralelamente à sua intensa actividade linguística, Adolfo Coelho vinha desenvolvendo uma série de estudos de carácter *antropológico, etnográfico e pedagógico, acabando por ser a educação do Português a sua preocupação dominante*» (COELHO, 1948, 44), concretizando, de seguida, o seu pensamento: «Aliás, a grandeza do investigador não vem tanto dos seus trabalhos especializados e da excelência deles no âmbito de cada especialidade como da consciência que teve das relações entre os vários ramos do Saber em que se moveu o seu espírito, da seriedade, amplitude e unidade da sua cultura, com centro no fundamental. Exemplo raro e oportuníssimo, nesta época de ideias gerais improvisadas ou de especialização estricte em que se perde a visão do conjunto» (COELHO, 1948, 45).

7. Analisados estes textos, podemos dizer que qualquer um dos três críticos concordaria com o facto de, ao nível da linguística científica (em termos restritos) e no campo da filologia (em sentido mais abrangente), F. Adolfo Coelho ser considerado, servindo-nos das palavras do P.^e Arlindo Ribeiro Cunha, «um

filólogo superior ao seu tempo». Deste modo, pensamos que todos estariam de acordo com o título que escolhemos para esta comunicação: *F. Adolfo Coelho é o primeiro linguista português* (e, sendo título, é também a principal conclusão).

No entanto, é necessário ainda discutir outras questões que fundamentarão a tese apresentada pelo título. Assim, referiremos aquilo que pode considerar-se um *Manifesto pela Glótica* de F. Adolfo Coelho¹³, e a sua proposta de definição do campo da ciência da linguagem, comparando-a com a terminologia usada e defendida por José Leite de Vasconcelos e por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, outros dois grandes filólogos.

8. Como o próprio título indica, *Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal* é uma tentativa de demonstração da urgência do ensino da glótica ou linguística em Portugal. Já no seu primeiro trabalho, *A Língua Portuguesa* (1868), ironicamente, F. Adolfo Coelho lamenta o atraso em que se encontrava a filologia portuguesa: «Quando começámos a conhecer os trabalhos dos modernos philologos estrangeiros, vimos tristemente que a philologia portugueza era completamente alheia aos progressos que a sciencia da linguagem, a glottica, p[al]ra usarmos da melhor das denominações que lhe têm sido dadas, tinha realisado em as nações que outro tempo acompanhámos no seu desenvolvimento intellectual. Portugal está em philologia pouco mais ou menos no ponto em que essas nações [Alemanha, Inglaterra, França] estavam no começo d'este seculo [XIX]. O elemental mesmo da glottica é aqui ignorado, a julgar pelo que se escreve e se ensina» (COELHO, 1868, VII).

Este evidente atraso ao nível da filologia e da glótica¹⁴ tentará F. Adolfo Coelho alterá-lo com a proposta inovadora que está contida no seu opúsculo de 1870¹⁵. Nesse trabalho, o autor explica o objectivo do seu texto («o nosso escripto, o titulo o indica, pretende apenas fazer notar a importancia d'uma lacuna em a nossa instrucção publica, a falta de ensino d'essa sciencia») (COELHO, 1870, 10); volta a defender (já o fizera em 1868) o uso do termo *glótica* para designar a ciência da linguagem¹⁶; justifica o interesse das nações cultas (Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Rússia, Estados Unidos, Índia, etc) pela ciência da linguagem ou glótica¹⁷; discute a criação desse «ramo de ensino publico inteiramente novo» (COELHO, 1870, 12); propõe, depois de criticar durissimamente o Curso Superior de Letras¹⁸, que se criem cadeiras da ciência da linguagem nos liceus de Lisboa e Coimbra (COELHO, 1870, 13); discute, ainda, «o plano do ensino da nova sciencia» e questiona: «A quem se deve confiar o novo ensino? (...). O mais simples modo de a resolver [a questão do docente a seleccionar] seria mandar vir da Allemanha professor competente; ou no caso de termos de nos contentar com o que por cá se possa obter, proceder com a maior circumspecção possivel» (COELHO, 1870, 14-15)¹⁹.

Este é, na realidade, um plano completo e bem pensado de implementação do ensino da *linguística*, através da colocação de questões, todas elas actuais e pertinentes, relativas ao arranque da ciência da linguagem em Portugal. O mais curioso é que seria ele mesmo a pôr esse plano em acção, a partir de 1878, ano em que inicia a leccionação, no Curso Superior de Letras, da cadeira de Filologia

Comparada. Graças a este ensino e à sua investigação, F. Adolfo Coelho, que tinha uma paixão desmedida pelos estudos de glotologia²⁰, tendo-se formado na filologia alemã, receberá, em 1887, o seu título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Göttingen (Alemanha). Este é outro argumento que nos leva a concluir que *F. Adolfo Coelho é o primeiro linguista português*.

9. Com o objectivo de delimitar com precisão o campo dos estudos linguísticos, F. Adolfo Coelho começou por defender o uso do termo *glótica* (em 1868, em 1870 e em 1874²¹) para indicar a *ciência da linguagem*. A partir de 1881, todavia, passará a utilizar, preferencialmente, a denominação *glotologia*²². Para F. Adolfo Coelho, a *filologia* terá um objecto de estudo mais vasto do que a *glotologia*, já que: «*Philologia* propriamente dicta é o conjuncto de conhecimentos que se referem á litteratura d'um ou mais povos e á lingua que serve de instrumento a essa litteratura, considerados principalmente como a mais completa manifestação do espirito d'esse povo ou d'esses povos» (COELHO, 1881, 1)²³.

José Leite de Vasconcelos, nas *Lições de Filologia Portuguesa*, salientando que, em Portugal, quem primeiro utilizou o termo *linguística* foi Alexandre Herculano, em 1844, e que os termos *glótica* (1868, 1870, 1874) e *glotologia* (1881) foram introduzidos por F. Adolfo Coelho²⁴, apresenta a sua opinião sobre esses três termos: «A Gramática faz por isso parte de outra disciplina mais vasta, a qual sóe chamar-se GLOTOLOGIA, GLÓTICA ou LINGÜÍSTICA. O primeiro termo é melhor, por estar de acôrdo com designações paralelas e muito correntes, em que entra o elemento formativo *-logia*, embora cada povo prefira êste ou aquele» (J. L. VASCONCELOS, 1959, 6). Entretanto, define também *filologia*: «Nas minhas prelecções entendo de ordinário por FILOLOGIA PORTUGUESA o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessòriamente o da literatura, olhada sôbre tudo como documento formal da mesma língua» (J. L. VASCONCELOS, 1959, 9). Leite de Vasconcelos faz, assim, equivaler a sua *filologia* à *glotologia* de Adolfo Coelho.

Igualmente importantes são as concepções de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Antes do mais, ela não concorda com o facto de Leite de Vasconcelos, na definição de *filologia* e na sua prática de filólogo, ter privilegiado o estudo da língua, levando quase à «exclusão da literatura»²⁵. De facto, é Carolina M. de Vasconcelos quem tem a concepção mais abrangente de *filologia*, já que (como nos diz) «para mim *filologia portuguesa* é o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em tôda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, semasiologia, etc., mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional» (C. M. VASCONCELOS, s/d, 156). Apesar desta diferença de opinião, a autora considera F. Adolfo Coelho «[o] benemérito inaugurador da ciência da linguagem em si, e da filologia românica em Portugal» (C. M. VASCONCELOS, s/d, 148).

Em conclusão, também neste aspecto verificamos que F. Adolfo Coelho foi inovador, pois, apesar de os seus termos preferidos (*glótica* e *glotologia*) não terem durado até aos nossos dias, ele foi o primeiro a delimitar, com precisão, o campo da *linguística*, termo que ele até chegou a considerar «bem pouco científico»...

10. Para terminar, vamos apenas recapitular as razões que nos permitem concluir que *Francisco Adolfo Coelho é o primeiro entre os linguistas portugueses*.

Em primeiro lugar, nunca será demais sublinhar que F. Adolfo Coelho desempenhou um papel fundamental na História da Linguística Portuguesa, pois foi ele quem iniciou os estudos linguísticos científicos, aplicando ao Português o método histórico-comparativo de Frederico Diez. Além disso, também definiu claramente o campo dos estudos linguísticos, isolando-o da vasta ciência que era a *filologia*; é ainda F. Adolfo Coelho quem propõe um termo novo para designar a (recente) ciência da linguagem - a *glótica* ou a *glotologia*; em terceiro lugar, através das suas publicações, contribuiu grandemente para a divulgação da linguística; e, finalmente, publicou até um *Manifesto pela Glótica*, o seu livrinho *Sobre a Necessidade da Introdução do Ensino da Glottica em Portugal* (1870), que já comentámos globalmente.

Além de tudo isto, na sua actividade profissional e académica, sendo um conceituado pedagogo, foi, a partir de 1878, o primeiro professor de linguística (ou Filologia Comparada, como então se designava essa disciplina) do Curso Superior de Letras, numa altura em que, porque foi autodidacta, ainda não tinha curso superior (oficial). Como vimos, só aos 40 anos (1887) é que F. Adolfo Coelho receberá um título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Göttingen.

11. Apresentemos, finalmente, uma brevíssima explicação do título deste texto: *F. Adolfo Coelho (1847-1919): o primeiro 'linguista' português*. Seria mais natural que a afirmação do título surgisse na forma interrogativa (*F. Adolfo Coelho é o primeiro 'linguista' português?*). Porém, depois de três anos a estudar a obra deste autor e conhecendo a opinião de outros estudiosos (SILVA, 1995, 76-78), cremos poder afirmar que *F. Adolfo Coelho é, efectivamente, o primeiro linguista português* e mesmo, na sua época, um estudioso notável ao nível da linguística, da pedagogia e da etnografia. Diga-se também que colocámos, no título deste texto, o termo *linguista* entre aspas simples por duas razões: primeiro, porque F. Adolfo Coelho sugeria o uso de *glotologia* em vez de *linguística*, e, segundo, porque ele próprio foi mais um *filólogo*, dada a vastidão da sua obra, do que um *glotólogo*.

12. Queríamos (por último e entre parênteses) recordar a todos aqueles que se interessam pela História da Linguística em Portugal e, em particular, por F. Adolfo Coelho, que os 150 anos do seu nascimento se comemorarão a 15 de Janeiro de 1997. Há um ano atrás, a este mesmo propósito, já escrevíamos: «Entretanto, é também urgente pensar, desde já, na preparação condigna das comemorações dos 150 anos do nascimento de F. Adolfo Coelho» (SILVA, 1995, 9).

NOTAS

¹ No âmbito dessa investigação, foram já elaborados dois trabalhos: a) SILVA, António Carvalho da, «F. Adolfo Coelho e a Gramática Portuguesa» (Trabalho de sín-

- tese das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica), Funchal, Universidade da Madeira, 1994, XI + 170 pag.
- b) SILVA, António Carvalho da, «Francisco Adolfo Coelho (1847-1919): Filólogo, Etnógrafo e Pedagogo», *Para a História da Linguística em Portugal - Cadernos da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, Caderno Nº 1 (*Lembrar Adolfo Coelho*), 1995, p. 3-85.
- ² Uma boa síntese da obra de J. de Azevedo Ferreira, que «se concentra, com notável coerência e unidade, na época medieval e nos problemas dos textos legais alfonsinos» (p. 98), foi apresentada por: CASTRO, Ivo, «José de Azevedo Ferreira», *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Nº 13, Julho de 1995, p. 96-98.
- ³ Esta revista, com um total de 208 p., teve apenas quatro fascículos (que foram publicados, em Lisboa, pela Tipografia Universal): o I é de 1880; os II-III e IV são do ano seguinte.
- ⁴ A última e mais completa bibliografia de F. Adolfo Coelho, que inclui mais de 200 obras (entre monografias e artigos), é da autoria de: FERNANDES, Rogério, «Esboço bibliográfico da obra de F. Adolfo Coelho», *Para a História da Instrução Popular*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência/Centro de Investigação Pedagógica, 1973, p. 201-231.
- ⁵ AAVV, *BIBLOS - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1947, Volume XXIII, Tomo III.
- ⁶ AAVV, *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1949/1950, 2 Volumes.
- ⁷ AAVV, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1948, Tomo XIV - 2ª Série, Nº 1.
- ⁸ CUNHA, Arlindo R., «Adolfo Coelho - um filólogo superior ao seu tempo», *Revista de Portugal (Série A - Língua Portuguesa)*, Lisboa, Editorial Império, Volume XI, Nº 52, 1947, p. 42-45. Os outros dois artigos dedicados a F. Adolfo Coelho e publicados na *Revista de Portugal* são da autoria de: FERNANDES, I. Xavier, «Adolfo Coelho», *ibidem*, Volume XI, Nº 52, 1947, p. 46-48; COELHO, Jacinto do Prado, «Adolfo Coelho», *ibidem*, Volume XIII, Nº 62, 1948, p. 41-45.
- ⁹ Joaquim de Carvalho, corroborando a opinião de Arlindo Cunha, num artigo publicado em 1946, afirma que F. Adolfo Coelho conseguiu «ser grande, a um tempo, na Filologia, na Pedagogia e na História da Cultura». (Cf. CARVALHO, J. de, «Evolução da historiografia filosófica em Portugal até fins do século XIX», *Biblos*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1946, Volume XXII, p. 109.
- ¹⁰ Sendo F. Adolfo Coelho considerado o introdutor da linguística científica em Portugal, a sua primeira obra, *A Língua Portuguesa* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868), marca também o começo desses estudos científicos. Assim, é de estranhar que Arlindo Cunha não tenha distinguido essa obra duma outra que foi publicada, em 1881 (1ª edição), 1887 (2ª edição), 1896 (3ª edição), com o mesmo título (*A Língua Portuguesa*), constituindo o 1º volume do *Curso de Litteratura Nacional*. No seu texto (p. 42), Arlindo Cunha afirma: «A primeira obra publicada foi 'A Língua Portuguesa', Porto, 1868, subordinada ao título geral de 'Curso de Litteratura Nacional'». Em nota, esclarece (erroneamente) que esta obra foi publicada pela Magalhães e Moniz e foi reimpressa em 1887. A este propósito, no seu artigo sobre «Adolfo Coelho», na p. 42, Jacinto do Prado Coelho esclarece que «'A Língua Portuguesa' (1881), [é um] livro inteiramente diverso do publicado sob o mesmo título em 1868».
- ¹¹ Nesta mesma página, são indicados os nomes de 'Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Gonçalves Viana, José Leite de Vasconcelos e alguns outros' como continuadores da obra de F. Adolfo Coelho.
- ¹² Na página seguinte, acrescenta o autor: «Na posse perfeita do método científico, a ponto de nos fazer por completo esquecer a sua qualidade de auto-didacta, Adolfo Coelho foi um sábio tanto mais sábio quanto melhor se eximiu ao ultra-cientismo, à confiança cega na ciência como panaceia e pedra filosofal».
- ¹³ Referimo-nos, claro está, ao opúsculo de F. Adolfo Coelho *Sobre a Necessidade da Introdução do Ensino da Glottica em Portugal*, Lisboa, Lallement Frères, 1870.
- ¹⁴ Como veremos, a partir de 1881 (no *Curso de Litteratura Nacional*), F. Adolfo Coelho passa a utilizar preferencialmente, para designar a ciência da linguagem, o termo *glotologia*, em vez de *glótica*. A partir da 2ª edição desta obra (1887), este último termo (*glótica*) passa a designar a «linguagem propriamente dicta, linguagem fallada» (p. 9).
- ¹⁵ COELHO, F. Adolfo, *Sobre a Necessidade da Introdução do Ensino da Glottica em Portugal*, Lisboa, Lallement Frères, 1870.

- ¹⁶ Cf. IDEM, *ibidem*, p. 3, nota de rodapé número 1: «A palavra glottica como denominação da sciencia da linguagem é a unica das que teem sido propostas que satisfaz completamente; pois (...) indica bem a natureza do seu objecto (*glotta* no grego significa lingua e linguagem). Os francezes empregam no mesmo sentido a expressão *philologie comparée*, que nada significa por si, ou a palavra mal formada e barbara *linguistique* (...). O termo é pois bem pouco scientifico».
- ¹⁷ Cf. IDEM, *ibidem*, p. 8: «Só a alta importancia da sciencia da linguagem nos pode explicar o interesse que dia para dia cresce por ella nas nações cultas».
- ¹⁸ Cf. IDEM, *ibidem*, p. 13: «Poder-se-hia introduzir o ensino da glottica no Curso superior de letras. Aqui, porém, nasce um receio legitimo, o de tornar tão inutil o novo ensino como o tem sido o Curso superior de letras desde a sua fundação. Que sahiu do Curso superior de letras até agora? Causa nenhuma; até ao dia d'hoje temos esperado em vão pela publicação de trabalhos profundos dos professores, de theses notaveis dos discipulos, e nada d'isso ainda appareceu. (...) O Curso superior de letras, como elle se acha organizado, nem pode crear espiritos solidos, nem fazer tomar a sério o methodo de qualquer sciencia. A criação d'uma cadeira de glottica no Curso superior de letras corre o risco de dar em resultado mais uma inutilidade dispendiosa, se o Curso não fôr reformado convenientemente, ou se pelo menos, a organização da nova cadeira não fôr determinada por condições especiaes».
- ¹⁹ F. Adolfo Coelho sugere que o Curso de Glótica se divida em duas secções (uma parte geral e uma parte aplicada), o que ainda hoje acontece em muitas das nossas Faculdades de Letras.
- ²⁰ Cf. GAMA, Eurico, «Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires. (1882-1904). (Etnografia-Filologia)», separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Volume XXII, 1969, p. 395 (carta número seis: Lisboa, 19 de Dezembro de 1883): «e eu volto gostoso aos meus estudos glottologicos e ethnologicos».
- ²¹ Como se sabe, em 1868, F. Adolfo Coelho publicou *A Lingua Portuguesa* e, em 1870, editou, entre outros trabalhos, o opúsculo *Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal*. Na obra *A Lingua Portuguesa*, F. Adolfo Coelho utiliza, pela primeira vez, e faz a defesa do termo *glótica* nas p. VI-VII, respectivamente: «a *glottica*, ou sciencia da linguagem»; «a sciencia da linguagem, a *glottica*, para usarmos da melhor das denominações que lhe têm sido dadas»; na outra obra (a de 1870), o autor defende o termo *glótica* na nota de rodapé número 1 da p. 3; em 1874, nas *Questões da Lingua Portuguesa* (Porto/Braga, Livraria Internacional, p. 13, nota de rodapé número 2), F. Adolfo Coelho ainda usa e defende o termo *glótica*: «A palavra glottica como denominação da sciencia da linguagem é a unica das que teem sido propostas que satisfaz completamente».
- ²² Cf. COELHO, F. Adolfo, *Curso de Litteratura Nacional. I - A Lingua Portuguesa. Noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa*, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz - Editores, 1881, p. 3: «A *linguística*, ou *glottica* ou *glottologia*, a que também se chamou *philologia comparada*, é o estudo scientifico das linguas. A *glottologia* (empregaremos de preferencia esta denominação) não tem por fim o estudo pratico das linguas para as fallar ou escrever, nem o estudo das linguas como meio para o estudo das litteraturas: *a glottologia estuda as linguas por elas mesmas*». A titulo de curiosidade, compare-se a expressão em itálico com aquilo que escreveu Ferdinand de Saussure (1857-1913), o fundador da linguística moderna, na conclusão do (seu) *Curso de Linguística Geral* (Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986⁵, p. 380): «a *linguística tem por único e verdadeiro objecto a lingua encarada em si mesma e por si mesma*». Esta é, de facto, uma curiosa e incrível coincidência!...
- ²³ Na página seguinte, o autor esclarece: «A palavra *philologia* tem sido muitas vezes empregada especialmente para indicar o estudo das linguas, quando elle tem um fim que não é puramente pratico. Tal emprego não tem porém nada de definido. Convem dar á palavra sómente o sentido mais largo que lhe damos acima».
- ²⁴ VASCONCELOS, José Leite de, *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959³, p. 6-7, nota de rodapé número 3.
- ²⁵ VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *Lições de Filologia Portuguesa. Segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*, Lisboa, Dinalivro, s/d, p. 150. F. Adolfo Coelho também já procedera à 'exclusão da litteratura', não do campo da filologia (que, para ele, estuda, de facto, a litteratura), mas sim do âmbito da (sua) glottologia, que estudaria apenas a lingua. Na página 146 dessa sua obra, C. M. de Vasconcelos já reconhecia: «Um erudito português quis restringir demasiadamente o campo da *filologia* nacional, reduzindo-a ao estudo de textos literários, e separando

dêle o exame da língua». A nosso ver, aquilo que F. Adolfo Coelho fez (e penso que acertadamente) não foi mais do que a separação do campo dos estudos literários - ou *filologia* - do campo dos estudos linguísticos - ou *glotologia* -, tal como ainda hoje em dia se aceita.

BIBLIOGRAFIA

A. Obras de F. Adolfo Coelho:

- A Lingua Portuguesa. Phonologia, Etymologia, Morphologia e Syntaxe*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1868, 1^o Fascículo.
Curso de Litteratura Nacional. I - A Lingua Portuguesa. Noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz - Editores, 1881 (1^a edição), 1887 (2^a edição), 1896 (3^a edição).
Questões da Lingua Portuguesa, Porto/Braga, Livraria Internacional, 1874.
Revista d'Ethnologia e de Glottologia. Estudos e Notas por..., Lisboa, Tipografia Universal, Fascículo I, 1880.
Sobre a Necessidade da Introducção do Ensino da Glottica em Portugal, Lisboa, Lallement Frères, 1870.

B. Estudos sobre o autor:

- AAVV, *BIBLOS - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1947, Volume XXIII, Tomo III.
 AAVV, *Miscelânea de Filologia, Literatura e História Cultural à Memória de Francisco Adolfo Coelho (1847-1919)*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1949/1950, 2 Volumes.
Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1948, Tomo XIV - 2^a Série, Nº 1.
 CARVALHO, Joaquim de, «Evolução da historiografia filosófica em Portugal até fins do século XIX», *BIBLOS*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1946, Volume XXII, p. 77-111.
 COELHO, Jacinto do Prado, «Adolfo Coelho», *Revista de Portugal (Série A - Língua Portuguesa)*, Lisboa, Editorial Império, Volume XIII, Nº 62, 1948, p. 41-45.
 CUNHA, Arlindo Ribeiro da, «Adolfo Coelho - um filólogo superior ao seu tempo», *Revista de Portugal (Série A - Língua Portuguesa)*, Lisboa, Editorial Império, Volume XI, Nº 52, 1947, p. 42-45.
 FERNANDES, I. Xavier, «Adolfo Coelho», *Revista de Portugal (Série A - Língua Portuguesa)*, Lisboa, Editorial Império, Volume XI, Nº 52, 1947, p. 46-48.
 FERNANDES, Rogério, «Esboço bibliográfico da obra de F. Adolfo Coelho», *Para a História da Instrução Popular*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência/Centro de Investigação Pedagógica, 1973, p. 201-231.
 GAMA, Eurico, «Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires. (1882-1904). (Etnografia - Filologia)», separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, Volume XXII, 1969.
 SILVA, António Carvalho da, «F. Adolfo Coelho e a Gramática Portuguesa» (Trabalho de síntese das provas de aptidão pedagógica e capacidade científica), Funchal, Universidade da Madeira, 1994.
 «Francisco Adolfo Coelho (1847-1919): Filólogo, Etnógrafo e Pedagogo», *Para a História da Linguística em Portugal - Cadernos da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, Caderno Nº 1 (*Lembrar Adolfo Coelho*), 1995, p. 3-85.
 VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *Lições de Filologia Portuguesa. Segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13*, Lisboa, Dinalivro, s/d.
 VASCONCELOS, José Leite de, *Lições de Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1959³ [1^a edição: 1911].

C. Outros trabalhos:

- ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, *Boletim Informativo* (Lisboa), Nº 24, Junho de 1996.
 CASTRO, Ivo, «José de Azevedo Ferreira», *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, Lisboa, Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Nº 13, Julho de 1995, p. 96-98.
 FERREIRA, José de Azevedo, «O papel da História da Língua na aula de Português», *Diacrítica - Revista do Centro de Estudos Portugueses*, Braga, Universidade do Minho, Nº 3-4, 1988-89, p. 79-97.
 SAUSSURE, Ferdinand de, *Curso de Linguística Geral* (Tradução de José Victor Adragão), Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986⁵.